

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



Voto sem surpresas

Breno, general gaulês, devia ser um gigante, bigodudo e grosso como o Obelix, o carregador de menires da história em quadrinhos do Asterix. Em 390, tomou Roma e, não podendo conservar a conquista por muito tempo, pediu um resgate em ouro, para não passar os habitantes pela espada e incendiar a cidade. Ele mesmo negociou o preço e forneceu balança e pesos. Os romanos desconfiaram do tamanho dos pesos, foram conferir e verificaram que estavam sendo roubados: eram mais pesados que o combinado. Reclamaram. Breno jogou a sua espada na balança e disse: **Vae victis**, ai dos vencidos. Os romanos acabaram tendo também de pagar a espada do vencedor.

Não tem choro nem vela. Amanhã, não haverá surpresas nas eleições presidenciais ou nos 14 estados que elegerão governadores no primeiro turno. Quando muito, poderá haver mudanças na ordem dos candidatos nas disputas que se preveem muito apertadas, sobretudo em relação à segunda vaga para o Senado. Os candidatos inconformados, que estão contratando pesquisas próprias, com institutos diferentes dos quatro grandes, ainda vão ter que saldar uma conta inútil. **Vae victis**.

Isto posto, vale um olhar

rever esses últimos cinco meses. A influência da organização das campanhas e da intervenção da militância nos resultados finais foi reduzida. O que resolveu a disputa presidencial foi o Plano Real, conforme prevíamos oito dias depois da troca da moeda. Aliás, em matéria de previsões, os leitores não ficaram mal servidos. Em 25 de maio escrevemos que o Quércio não tinha palanque, a 3 de junho que o Lula não tinha propostas para a inflação, a 26 de junho, que só Fernando Henrique tinha espaço para crescer. O primeiro alerta para a tendência pelo voto útil, que veio a se consolidar, foi dado a 26 de julho, e a 28 de agosto assinalamos que, se Fernando Henrique passasse dos 41%, não haveria segundo turno.

Os programas de TV foram importantes, mas não decisivos. O único candidato que deu uma virada com o uso do horário gratuito foi Jaime Lerner, no Paraná. O melhor trabalho foi, mas uma vez, o de Fernando Henrique. Parece que os baianos têm uma mandinga para cair no godo do povo: Nizan Guanaes é discípulo de Duda Mendonça, outro grande craque do marketing político. Lula teve altos e baixos. Brizola prometeu, até o fim, uma bomba. Não veio. Aliás, acho péssimo

para a história política brasileira que alguém, com uma biografia longa e rica em vitórias como a sua, chegue atrás de um fascistóide como o Enéas. Não fosse a bipolarização, Enéas podia ser o ovo da serpente. Na eleição alemã de 1928, sua primeira participação política, o Partido Nazista teve apenas 2,6% dos votos.

Os resultados estaduais serão rigorosamente lógicos. Onde um candidato ao Senado tiver mais de 50% dos votos ou levar para casa, no primeiro turno, a chave do palácio de governo, é por alguma razão concreta. A esquerda pode não gostar de Antônio Carlos Magalhães, mas a sua eleição na Bahia se deve a uma visão positiva das obras de seu governo, difundida na grande massa do eleitorado. A direita tem horror a Miguel Arraes, mas a sua terceira vitória para governador de Pernambuco, feito inédito na história do estado, se deve a programas que executou como governador, julgados pelo povo como melhorias na sua condição de vida. Não deram fotos, mas deram votos. O mesmo acontecerá com Tasso Jereissati, no Ceará, eleito pela segunda vez, e com o campeão de votos no país, Divaldo Suruagy, que governará Alagoas pela terceira vez.

Em relação à campanha presidencial, a vitória de Fernando Henrique também se deve a algo de palpável: o aumento do poder de compra das populações mais pobres, determinado pela brusca queda da inflação.

Curioso que os chefes da campanha de Lula, muitos deles marxistas, não se tenham lembrado do conselho de Marx, que recomendava aos políticos saírem das abstrações idealistas para ascenderem ao concreto. Um caso de façam o que digo, não façam o que faço.